

ÁRVORE: LUGAR DE EPISTEME, CULTURA E (EDUC)AÇÃO

THE TREE: A PLACE OF EPISTEME, CULTURE, AND (EDUC)ACTION

ÁRBOL: LUGAR DE EPISTEME, CULTURA Y (EDUC)ACCIÓN

Clarice Sumi Kawasaki ¹, Fernanda Keila Marinho da Silva ²

Resumo

Que lugar (excêntrico) é esse, em que a árvore se faz centro, suscitando pensamentos, fabulações e confabulações coletivas sobre outros modos de habitar um mundo atravessado por um colapso ambiental já anunculado e vivenciado? Diante do Antropoceno e de um narcisismo humano que insiste em ignorar os sinais do planeta, conduzindo a humanidade e a própria vida a um abismo sem precedentes, este ensaio busca superações, convocando epistemologias partilhadas entre todos os seres vivos. Inspirado em Krenak, para quem “o futuro é ancestral”, o texto resgata a milenar relação entre árvores e humanos, propondo a árvore como arquétipo da verticalidade e como chave para uma (cosmo)visão multiespécie. Nesse percurso, estabelece diálogo com autoras e autores da chamada “virada vegetal”, para quem as plantas ocupam o centro da compreensão de quem somos. O percurso culmina no chamamento “Arvore-se!”, movimento de resistência e educação, desdobrado em dois encontros e um manifesto coletivo.

Palavras-chave: Árvore; Arquétipo da verticalidade; Ancestralidade árvores-humanos, Virada vegetal; Educação

Abstract

What (eccentric) place is this, where the tree becomes the center, sparking thoughts, fabulations, and collective confabulations about other ways of inhabiting a world already marked and shaped by an unfolding environmental collapse? Faced with the Anthropocene and a human narcissism that insists on ignoring the planet's warnings, driving humanity and life itself toward an unprecedented abyss, this essay seeks pathways of overcoming, calling upon epistemologies shared among all living beings. Inspired by Krenak, for whom “the future is ancestral”, the text revisits the millennia-old relationship between trees and humans, proposing the tree as an archetype of verticality and a key to a multispecies (cosmo)vision. Along this path, it engages with thinkers and authors of the so-called “vegetal turn,” for whom plants occupy the center of understanding who we are. The journey culminates in the call: “Arvore-se!”, a movement of resistance and education, unfolding in two gatherings and a collective manifesto.

Keywords: Tree; Archetype of verticality, Tree-human ancestral bond; Vegetal turn; Education

Resumen

¿Qué lugar (excéntrico) es este en el que el árbol se convierte en centro, suscitando pensamientos, fabulaciones y confabulaciones colectivas sobre otras formas de habitar un mundo atravesado por un colapso ambiental ya anunculado y experimentado? Ante el Antropoceno y un narcisismo humano que insiste en ignorar las señales del planeta —conduciendo a la humanidad y a la propia vida hacia un abismo sin precedentes —, este ensayo busca caminos de superación, convocando epistemologías compartidas entre todos los seres vivos. Inspirado en Krenak, para quien “el futuro es ancestral”, el texto rescata la relación milenaria entre árboles y humanos, proponiendo al árbol como arquetipo de la verticalidad y como clave para una (cosmo)visión multiespecie. En este recorrido, dialoga con autoras y autores de la llamada “giro vegetal”, para quienes las plantas ocupan el centro de la comprensión de lo que somos. El trayecto culmina en la convocatoria: “Arvore-se!”, un movimiento de resistencia y educación, desplegado en dos encuentros y un manifiesto colectivo.

Palabras clave: Árbol; Arquetipo de la verticalidad; Vínculo ancestral entre árboles y humanos

¹ Universidade de São Paulo - USP - FFCLRP - Ribeirão Preto, SP, Brasil. E-mail: sumi@ffclrp.usp.br

² Universidade Federal de São Carlos - UFSCar - Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: fernandakeila@ufscar.br



Para iniciar a conversa

“A culpa é delas, das árvores!” Assim parecia sugerir, em tom quase acusatório, a manchete que atravessou a manhã de 13/03/25, quando aproximadamente 300 árvores caíram na Grande São Paulo, após uma madrugada de ventos fortes e chuvas intensas. Duas mortes. Troncos gigantes tombados sobre carros, pessoas, calçadas; raízes expostas como feridas abertas. Mais um desastre anunciado transformado em espetáculo televisivo, tão comum quanto recorrente no cotidiano paulistano. Dois repórteres descrevem o caos urbano e, logo em seguida, como se nada estivesse relacionado, surge uma peça publicitária descontraída — a bet365™, “comprometida com o jogo responsável, aposte com responsabilidade!”.

Ao repassar, na mente, essa sequência de notícias, apresentada pelo telejornal com a aparência de simples factualidade, a ironia se impõe: culpam-se as árvores, como se fossem elas as intrusas num ambiente que nós mesmos impermeabilizamos, pavimentamos e aquecemos. Enquanto isso, o colapso ambiental se intensifica; a cidade afunda no próprio modo de existir; tragédias tornam-se rotina; a publicidade tenta anestesiar o impacto; o sensacionalismo reorganiza a dor em entretenimento, e a catástrofe se naturaliza ao ponto de parecer inevitável. No centro de tudo permanece o homem — e a natureza, reduzida a uma inimiga ou obstáculo, acaba convertida em bode expiatório simbólico. Eis alguns sinais do projeto de “humanização do homem” que se tornou nossa referência de ser e estar no mundo, arrastando consigo todos os demais seres vivos do planeta. Para dimensionar essa realidade, basta lembrar que, segundo Ripple et al. (2024), dos 35 indicadores planetários monitorados pela equipe de pesquisa, 25 atingiram níveis recordes em 2023³.

Voltemos à(s) árvore(s), não mais as caídas, mas àquelas em pé. É diante desse cenário desolador e a partir dela(s), colocadas no centro de nossas reflexões e ações, que buscamos nos deslocar excentricamente, procurando refletir e agir sobre outras maneiras de habitar/estar no mundo, lançando-nos em um exercício imaginativo do que isso possa significar em termos epistêmicos e pra(gmá)icos.

Poderíamos ter escolhido os animais, os micróbios, outros vegetais ou outros seres vivos, mas escolhemos a(s) árvore(s). Talvez pelo seu gigantismo, mas também por seu microcosmo, onde habitam as boas e invisíveis fadas. Sem contar que uma árvore milenar pode trazer, em seu tronco lenhoso de 300 milhões de anos antes dos seres humanos, uma longevidade capaz de guardar uma história geobiológica e cultural sem precedentes.

A árvore, antes de tudo, é um ser vivo, sujeito de direitos como qualquer outro. E também é metáfora, símbolo, filosofia, cultura, educação, literatura. É nesse solo que se

³ O artigo de Ripple et al (2024) faz rápida apresentação das variáveis que sofreram grandes alterações ou que estão em extremos recordes e, dentre estes, listam: a atividade humana, o consumo de combustível fóssil, a perda global de cobertura vegetal, concentrações globais de gases de efeito estufa e, consequente, aumento da temperatura, aumento da acidez e da temperatura oceânicas, bem como o derretimento do gelo continental, impactos das mudanças climáticas e eventos extremos. Em relatório anexo ao artigo, dados suplementares, em que os autores descrevem com detalhamento as demais dimensões e a forma de mensurá-las, encontram-se descritos.

ancoram Pontes (1998) e Santos (2001), cujas ideias são raízes profundas que reconectam a relação milenar entre árvores e humanos. Pontes evoca a árvore como arquétipo da verticalidade; Santos, como árvore-mundo no Candomblé, lugar de passagem entre o imanente e o transcendente. São referências que atuam como raízes de uma epistemologia outra, abrindo espaço para uma imaginação arborescente que nos acompanha desde muito tempo.

A partir dessas raízes, ergue-se um tronco contemporâneo sustentado pela chamada “virada vegetal”, cujos autores e autoras, ainda que não se concentrem exclusivamente na ÁRVORE, conferem a ela um lugar especial na reconfiguração das relações entre literatura, ecologia e crise climática. Esse tronco ganhou visibilidade na 19^a Flip (2021), quando a literatura vegetalizada se tornou convite para pensarmos com as plantas, e não apenas a partir delas.

E é nesse crescimento contínuo que se expande a copa conceitual e fabulatória, alimentada por vozes como a de Ursula K. Le Guin (1972/2020). Sua narrativa de um planeta-floresta, onde vidas se entrelaçam em interdependência, funciona como janela e horizonte: dissolve dicotomias fáceis entre utopia e distopia, desloca o humano, nos obriga a imaginar mundos que coexistem. É o tipo de gesto que Despret chamaria de fabulação responsável, e que Haraway entende como a necessidade de “ficar com o problema”, inventando modos de habitar juntos. Aqui, fabular é um modo de conhecer, não apenas de estilizar.

Entre raízes, o tronco e a copa, a ÁRVORE se mostra em sua pluriversalidade: uma floresta de significados que inspirou as abordagens antropofágica, darwiniana, macunaímica e freireana, desenvolvidas a partir do chamamento “Arvore-se!”, verbo que convocou dois encontros (ambos ocorridos em Ribeirão Preto, em 2022 e em 2024) e resultou em um Manifesto - movimento, convite, insurgência.

A história de Le Guin, envolvendo vidas que se entrelaçam num planeta-floresta, em tudo ressonante com nossa experiência terráquea, encerra paradoxalmente este texto abrindo um novo mundo: desafia o binarismo utopia–distopia, propõe coexistências e sugere uma (educ)ação potente e arborescente.

A intenção aqui é (des)focar, desumanizar, desde o lugar da árvore, criar outras bases epistêmicas e outras práticas coletivas. Este artigo é um primeiro exercício desse movimento, uma forma de estimular e adensar esse desafio que, vale dizer, como educadoras ambientais e pesquisadoras da área de ensino de ciências, vimo-nos propondo há algum tempo.

2. Árvore (木): a reta que liga céu-terra ∞

2.1 A busca da ancestralidade árvore-humanos, arquétipos e simbologias

Apresentamos aqui duas imagens de árvores que, para além de uma simples ilustração, configuram-se como pontos de acesso a modos distintos de compreender a ÁRVORE como eixo vertical e símbolo ancestral.



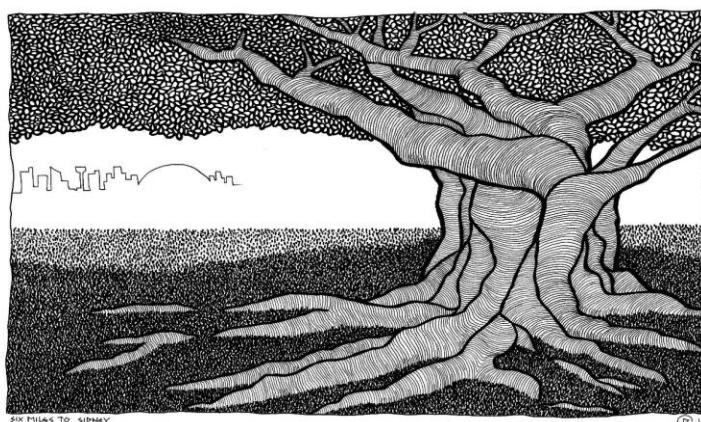
A primeira é o kanji japonês 木 (ki). Seu valor não reside apenas na aparência estilizada, mas na força iconográfica do ideograma enquanto forma de pensamento. Criado como pictograma, 木 sintetiza, visualmente, uma árvore: o traço vertical como tronco, os laterais como galhos, a base insinuando raízes, e condensa a visão japonesa da verticalidade como princípio que conecta céu e terra: lógica presente no xintoísmo, na caligrafia e na própria noção de vitalidade. O traço central expressa esse eixo vital; os traços laterais, a expansão da vida. Trata-se, portanto, de uma forma de conhecimento, não apenas de um desenho. O ideograma funciona como um microcosmo gráfico: uma árvore reduzida ao essencial, mas carregada de espessura cultural.

A segunda imagem (Figura 1), a ilustração de Ruy Marques Ferreira, apresenta uma árvore figurativa, situada no horizonte urbano, com tronco, galhos, raízes e copa. Aqui, a iconografia desloca-se para o campo do literal, material, orgânico — a árvore como corpo vivo em relação com a paisagem.

Postas lado a lado, as duas imagens não apenas representam árvores, mas revelam como diferentes culturas mobilizam a iconografia da verticalidade para pensar o mundo. No ideograma, a árvore é princípio; no desenho, é organismo. Inferimos que essa convergência amplia o repertório epistemológico e iconográfico da árvore, mostrando como a forma também pensa, e como a imagem também produz teoria.

De todo modo, o que se deseja evidenciar aqui é a reta vertical que conecta o céu e a terra, opostos e complementares - a ÁRVORE, enquanto Arquétipo da Verticalidade, presente em diversas culturas e mitologias desde tempos remotos, capaz de nos ajudar a resgatar a milenar ancestralidade árvore-humanos. No entanto, é preciso, desde já, marcar que essa verticalidade não se apresenta da mesma forma em todas as tradições: o sentido universalizante de “arquétipo”, em Pontes (1998), não coincide com a cosmologia histórica, situada e diaspórica, analisada por Santos (2001). Há, entre essas matrizes, tensões epistemológicas que não podem ser apagadas.

Figura 1: Six miles to Sidney.



Fonte: Ruy Marques Ferreira

Pontes (1998), em seu artigo “A Árvore: Um Arquétipo da Verticalidade”, parte de uma crítica ao que denomina “antropocentrismo absoluto” na relação homem–natureza. Para a autora, a disciplina e o aproveitamento impostos pela lógica antropocêntrica ocidental teriam “podado” a conexão sagrada com a natureza. É nesse cenário que ela propõe resgatar um arquétipo presente no imaginário e inconsciente coletivo da Humanidade: “...a Árvore – toda a essência de um sistema cosmológico e unificador...” (Pontes, 1998, p. 199)

Nesse cenário, a autora propõe uma reflexão cujo objetivo é relembrar um arquétipo presente no imaginário e inconsciente coletivo da Humanidade:

...a Árvore – toda a essência de um sistema cosmológico e unificador, sistema esse que encontra no mundo vegetal os símbolos e os rituais de uma renovação não só da natureza, mas também da própria humanidade

(Pontes, 1998, p. 199).

A árvore simboliza os ciclos da vida: nascimento, morte e regeneração perpétua. É emblema do “Cosmo Vivo, em perpétua regeneração”, evolução e ascensão. Desde as religiões antigas, as Árvores Cósmicas ou Árvores da Vida são arquétipos de imortalidade e renovação, representando vitórias sobre a morte e o trânsito entre os mundos. A autora resgata esse arquétipo presente em diferentes tradições:

Tentaremos, pois, de forma simples e condensada, repensar até que ponto, de século para século, as tradições mais diversas e heterogêneas transmitiram, através do mesmo arquétipo [...] toda a essência de um sistema cosmológico unificador [...] que encontra no mundo vegetal os símbolos e os rituais de uma renovação não só da natureza, mas também da própria humanidade [...] (Pontes, 1998, p. 199).

Ao longo do texto, a autora evidencia que a Árvore Cósmica conecta três níveis do cosmos: o subterrâneo (raízes), a superfície da terra (tronco e galhos inferiores) e o céu (galhos superiores e copa), integrando dimensões biológicas, filosóficas, cosmológicas e simbólicas. A Árvore representa a conexão entre os mundos — o terreno e o divino, o físico e o metafísico, o sagrado e o profano:

Em tempos que já lá vão, muito antes de o Homem surgir na Terra, havia uma árvore gigante cujos ramos se elevavam até aos céus [...] símbolo do poder da transcendência [...] nela se realizava pois a permanente regeneração do Cosmos [...]” (Pontes, 1998, p. 200).

Essa formulação, porém, está ancorada em uma tradição simbólica euro-mediterrânea, fortemente influenciada por Jung e Eliade, que pressupõe a existência de um inconsciente coletivo universal, tendência que homogeneiza diferenças culturais profundas. Esse movimento é coerente com sua matriz teórica, mas não se transpõe automaticamente a outras cosmologias — e é precisamente aqui que a leitura de Santos (2001) exige cuidado e mediação.

Quando Pontes recupera a Árvore Cósrica conectando os três níveis do cosmos e chancela a função ascensional como eixo comum entre religiões antigas, mitos cristãos (Árvore da Cruz) ou sistemas esotéricos (Arbor Inversa), ela opera uma síntese que privilegia uma visão macro, unificadora, com forte ênfase transcendental.

Santos (2001), em seu texto “O simbolismo da árvore-mundo no Candomblé: conexão entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses”, também identifica a árvore como um arquétipo da verticalidade — o *Axis Mundi*, elo entre o mundo humano e o divino — os mundos imanente e transcendente. Mas é importante dizer que a verticalidade aqui não é um arquétipo universal: é antes uma tecnologia espiritual e histórica forjada na experiência afro-diaspórica.

Santos (2001) amplia sua análise ao conectar esse simbolismo ao ciberespaço, apresentando a árvore como um dos símbolos fundamentais das culturas arcaicas, que liga os mundos material e sobrenatural, uma via de comunicação para entidades espirituais. Detalhando as múltiplas funções da árvore como pilar cósmico, que conecta esses espaços/mundos, o autor propõe de maneira criativa, um paralelo contemporâneo, comparando a conectividade ancestral da árvore com a interconexão atual do ciberespaço, buscando entender como o Candomblé se adapta e se expande em tempos modernos, mantendo a relevância de seus mitos e ritos. Utilizando conceitos de Michel Foucault (sociedades de discurso) e Gilles Deleuze (virtualização da presença), propõe que a árvore seja entendida como um suporte “tecno-sacro”, onde o espiritual e o digital dialogam.

Seu trabalho oferece um arcabouço teórico importante para analisar a religião em constante diálogo com as transformações sociotécnicas. A proposta de que a religião pode ser comparada a um sistema árvore-raiz, enquanto a religiosidade se assemelha a um rizoma é um *insight* valioso que transcende o estudo específico do Candomblé, com potencial para aplicação em outras áreas da organização do conhecimento e da compreensão das tradições culturais.

O autor demonstra um profundo conhecimento dos mitos e rituais do Candomblé, especialmente na tradição iorubá, onde o *òpákòko* (tronco da árvore *akòko*) simboliza esse eixo que liga os nove espaços do *Irùn* (mundo sobrenatural) e do *Àiyé* (mundo material). Há ainda a ideia de raízes que atravessam o oceano, unindo os mundos e servindo como canal de comunicação entre Orixás e humanos. O *òpákòko* (tronco da árvore *akòko*) não simboliza o mundo de maneira genérica, mas articula os nove espaços do *Irùn* (mundo sobrenatural) e do *Àiyé* (mundo material), segundo a cosmologia iorubá. Raízes que atravessam o oceano não são metáforas abstratas: são memórias do tráfico forçado, da travessia atlântica, da sobrevivência cultural.

Ao aproximarmos Pontes e Santos, portanto, é preciso evitar equivalências apressadas. Enquanto Pontes busca uma matriz comum de espiritualidade humana, Santos descreve uma

cosmologia específica, historicamente situada, e que foi violentada pelo colonialismo. Colocar lado a lado a Árvore da Cruz, a Árvore Invertida da Cabala e o *òpákôko* do Candomblé requer atenção para evitar os riscos de exotizar a tradição afro-brasileira e neutralizar as diferenças epistemológicas.

Ainda a título de problematização, vale destacar a articulação que Santos (2001) estabelece entre a árvore e o ciberespaço. A analogia entre raízes ancestrais e redes digitais ilumina processos contemporâneos de circulação, presença e virtualidade. Todavia, é importante reconhecer os limites dessa comparação, pois não se trata de transpor uma lógica espiritual para um sistema informacional, e sim de acompanhar como o Candomblé se reinventa em meio a novas paisagens sociotécnicas.

Feita essa mediação crítica, torna-se possível compreender como o diálogo entre essas matrizes — uma universalizante e outra situada — enriquece o campo do Ensino de Biologia. A árvore, entendida simultaneamente como organismo, símbolo, cosmologia e dispositivo pedagógico, abre caminhos para desestabilizar a ideia de natureza como recurso, deslocando o ensino para dimensões éticas, históricas-culturais e epistemológicas. Nesse movimento, a Biologia se aproxima das humanidades e das cosmopolíticas que sustentam modos plurais de viver e conhecer o mundo vivo.

2.2 A virada vegetal, o mundo vegetal no centro da compreensão de quem somos

A convicção de Efrén Giraldo, de que não há futuro imaginável sem ficção (Entrevistado por Torres, 2023), ajuda a compreender a importância de reconhecer as plantas não mais como cenário, mas como agentes narrativos e literários, como no movimento que, na Flip 2021, articulou literatura, filosofia e pensamento vegetal, reunindo autoras e autores da chamada Virada Vegetal. Em Paraty, cidade entrelaçada à Mata Atlântica e ainda sob o impacto da pandemia de Covid-19, esse tema ganhou densidade singular: quando os humanos reduziram a mobilidade, foi quando esse evento tomou proporções grandiosas e o mundo vegetal seguiu crescendo, obrigando-nos a deslocar nossos referenciais.

Partindo da provocação de Evando Nascimento de que “nossa lugar de fala é vegetal”, a Flip de 2021 homenageou não um autor, mas um tema: *Nhe’ery, plantas e literatura*. Ao deslocar o conceito político de “lugar de fala” para os vegetais, Nascimento não lhes atribui voz literal, mas reivindica que recebam reconhecimento ontológico e agência — recusando o apagamento histórico que o pensamento ocidental impôs às plantas. Seu livro *O pensamento vegetal* (2021) afirma que as plantas podem ensinar a “vegetar” — viver de modo pacífico, interdependente e cooperativo —, reorientando nossas práticas éticas e epistêmicas.

Essa perspectiva inscreve-se na virada vegetal — movimento teórico, científico, literário e político que, desde o final do século XX, questiona o antropocentrismo e busca compreender o mundo desde o ponto de vida (e não apenas de vista) das plantas. É nesse tronco comum que situamos três autores convidados de edições anteriores da Flip — Emanuele Coccia, Stefano Mancuso e Efrén Giraldo, cujas obras convergem na crítica à “negligência ao mundo



vegetal”, reafirmando o papel central das plantas na existência e compreensão do mundo, ao promover uma reimaginação radical da filosofia, ciência e arte através de uma lente “vegetal”.

2.3 A metafísica da mistura de Coccia

Em *A vida das plantas* (2018), Emanuele Coccia afirma que “no princípio era a planta”, denunciando o afastamento da filosofia ocidental da natureza e o consequente “fisiocídio”. Sua crítica alcança inclusive a biologia, que manteria um viés “zoocêntrico”.

Coccia (2018) oferece uma visão de mundo a partir do “ponto de vida” das plantas, não apenas um ponto de vista, afirmando que o mundo é um imenso jardim, no qual nós, humanos, somos criaturas cultivadas pelas plantas. Elas não são apenas a condição de nossa existência por produzirem oxigênio, mas constituem a base material e existencial do que somos. Para ele, somos seres cultivados por elas, nesse imenso jardim planetário que é a Terra.

Ao propor que somos “cultivados” pelas plantas, Coccia desloca radicalmente o lócus ontológico da agência: não somos senhores da natureza, mas efeitos de um processo vegetal. Suas “teorias” da raiz, da folha e da flor — órgãos perceptivos, laboratórios de vida e dispositivos de experimentação, ampliam o entendimento de que o vegetal é um modo de pensamento e não apenas um objeto de estudo.

Coccia desenvolve uma metafísica da mistura: as plantas são “artesãs cósmicas” que “fazem mundo”, ao transformarem a luz em vida, produzindo atmosfera e sustentando a existência terrestre. Nesse meio, as plantas são “seres ontológicos anfíbios” que ligam céu e terra, matéria e espírito, transformando luz e elementos em vida — os “primeiros olhos que se abriram para o mundo”.

A árvore, em sua visão, revela o vegetal não apenas como um objeto botânico (ou decorativo?) ou representação do conhecimento, mas como um paradigma existencial e epistemológico. As *folhas* expressam o desejo de ar e luz; o *tronco*, um mezanino de sustentação; e as *raízes*, o mergulho ativo em direção ao centro da Terra. Elas não são apenas âncoras, mas sensores e mediadores que traduzem o cosmos em vida. Em sua cosmologia vegetal, tudo está interligado, num processo contínuo de mistura e metamorfose, pois habitando simultaneamente o subterrâneo e o aéreo, as plantas trazem o Sol à Terra, transformando-a em corpo celeste alimentado por luz. A *raiz* finca no mineral, que a *folha* extrai do solar.

A filosofia, sugere Coccia (2018), deveria transcender suas fronteiras disciplinares, inspirando-se na forma como ideias e coisas se misturam na natureza. Para tanto, o autor propõe uma “autotrofia especulativa” que, como nas plantas, que são capazes de transformar a energia solar, a matéria e o ar em seu próprio alimento, o pensamento deveria ser capaz de gerar sentido a partir de qualquer fonte, sem depender de estruturas disciplinares preexistentes.

A árvore, para Coccia, é um paradigma epistemológico: seu corpo vertical conecta luz e subsolo, atmosfera e mineral, razão e sensibilidade. Esse modelo rompe dualismos clássicos e convida a uma filosofia desdisciplinar, capaz de pensar como as plantas, misturando, metabolizando, criando mundos.



A contribuição de Coccia para a virada vegetal situa-se, assim, na reformulação ontológica e cosmológica do vegetal: ele não apenas participa, mas funda o mundo. Essa visão não é apenas poético-filosófica. Ela abre espaço para repensar práticas educativas que superem dicotomias natureza/cultura e cultivem percepções sensíveis da interdependência.

2.4 A comunicação vegetal de Mancuso

Stefano Mancuso, neurobiólogo vegetal, aproxima a ciência e a literatura para demonstrar que as plantas são comunicativas, adaptáveis e estratégicas. Em *A incrível viagem das plantas* (2021), narra deslocamentos, persistências e conquistas vegetais como histórias de viagens, revelando a capacidade das plantas de se mover e colonizar territórios através de redes cooperativas, dispersões engenhosas e resiliência extrema, inclusive diante da destruição humana. Ana Rüsche, escritora e uma das principais pensadoras brasileiras no campo das relações entre a literatura e questões ecológicas atuais, revela que essas histórias de deslocamentos de espécies, fortuitos ou forçados, demonstram como “o impulso de expansão da vida não pode ser contido” no mundo das plantas.

Por meio de relatos surpreendentes, curiosidades botânicas inimagináveis e personagens incríveis do reino vegetal, como as árvores sobreviventes à bomba atômica (ex. *Hibakujumoku* de Hiroshima), o autor transforma o conhecimento ecológico em algo acessível e estimulante para o público leigo, levando a momentos de espanto e emoção, inspirando encantamento e respeito pela natureza.

A organização do livro é *sui generis*: os capítulos recebem títulos que aludem aos modos como as plantas se personificam no mundo e iniciam com uma apresentação na forma de uma catalogação botânica (espécie-tipo, domínio, reino, divisão, classe, ordem, família, gênero, espécie; origem, difusão mundial e primeira aparição na Europa): a) Pioneiras, veteranas e combatentes: como **pioneiras** ecológicas, desbravam e colonizam novos espaços com táticas variadas de dispersão; como **veteranas**, persistem em ecossistemas antigos ou inóspitos; e como **combatentes**, resistem a condições extremas graças à sua resiliência evolutiva; b) Fugitivas e conquistadoras: como **fugitivas** e **conquistadoras**, revelam sua capacidade de escapar de ambientes desfavoráveis ou conquistar novas áreas por meio de estratégias surpreendentes — histórias que misturam ciência e poesia, nas quais a fuga se transforma em conquista; c) Capitães corajosos: como **capitães**, moldam o ambiente ao redor, conduzem comunidades de organismos (insetos, fungos, microrganismos etc.) e rompem fronteiras naturais para se estabelecerem em territórios desafiadores, tornando-se referências; d) Viajantes do tempo: como **viajantes do tempo**, são fósseis vivos que sobreviveram a grandes transformações geológicas e climáticas, conservando a memória biológica milenar da Terra; e) Árvores solitárias ou sentinelas: como **árvores-sentinela**, sobrevivem isoladas em ambientes hostis, demonstrando enorme capacidade de resiliência e adaptação e f) Anacrônicas como uma enciclopédia: como **plantas anacrônicas ou atemporais**, parecem deslocadas no tempo, tendo sobrevivido praticamente inalteradas por milhões de anos (ex. Samambaias, ginkgo, cavalinhas) carregando, em seu DNA e ecologia, traços de eras pré-históricas.

Mancuso destaca que as plantas operam segundo uma lógica multicêntrica: ao contrário dos animais, não possuem um centro de comando, mas distribuem funções em órgãos difusos, priorizando o grupo sobre o indivíduo, aproximando-se de modelos cooperativos que lhes conferem uma extraordinária capacidade de adaptação e conquista de novos territórios, mesmo os mais inacessíveis e inóspitos, de geração em geração. As narrativas sobre a incontrolável expansão vegetal incluem histórias de como as plantas “convencem” animais (inclusive os humanos) a transportá-las, sua resistência a eventos extremos como a bomba atômica e o desastre de Chernobyl, sua capacidade de colonizar ilhas áridas e até mesmo sua “viagem no tempo”.

Essa perspectiva suscita controvérsia: críticos acusam Mancuso de antropomorfismo ao falar em “inteligência” vegetal. O autor, contudo, afirma que o problema não está em exceder os limites conceituais da biologia, mas em reconhecer que nossas definições de inteligência são antropocêntricas e restritivas. O diálogo com autoras como Natasha Myers sugere que certo antropomorfismo crítico pode ser, inclusive, pedagógico, uma forma de aproximar humanos do vegetal, promovendo um “sensoriamento compartilhado”.

A contribuição de Mancuso à virada vegetal enfatiza a dimensão comunicativa, adaptativa e relacional das plantas, oferecendo um repertório de histórias que reeducam o olhar, despertam sensibilidade e reforçam a necessidade de imaginar inteligências plurais — chave também para práticas educativas que pensam aprendizagem como rede e interdependência.

2.5 As plantas oficiosas de Giraldo

Em *Sumário das plantas oficiosas* (2023), Efrén Giraldo articula literatura, etnobotânica, memória e ficção, produzindo um ensaio híbrido em que as plantas são mediadoras simbólicas e afetivas. Ao invés de catalogar usos, Giraldo narra histórias, rituais, lendas e encontros, mostrando que as plantas são arquivos de experiências e modos de vida, mesmo que reduzidas ao utilitário. Ao refletir sobre as relações entre a literatura e vegetação, o livro entrelaça espécies reais e inventadas, formando uma iconografia, ao mesmo tempo pessoal e universal, das plantas.

Em seu livro, Giraldo (2023) apresenta uma visão coletiva das plantas, como inteligências cooperativas. Embora possam competir entre si, seu comportamento não obedece a uma lógica individualista. É mais comum que ajam em associação com outras plantas e com animais, criando redes que ampliam a vida ao redor delas. O autor nos oferece um ensaio multifacetado, combinando uma rica iconografia a memórias pessoais, comentários literários e uma análise social sobre espécimes, onde cada planta, descrita de forma literária, se torna um elo entre o mundo natural e as experiências humanas.

O livro se inicia com o relato de um episódio marcante. Ao assistir a uma reportagem sobre as árvores sobreviventes do bombardeio de Hiroshima, que continuam a florescer até hoje, Giraldo (2023) descobre que uma dessas descendentes, o *Hibakujumoro* (uma canforeira), encontrava-se plantada justamente no campus da universidade onde leciona. É estranho pensar



que, provavelmente, ele (e muitas outras pessoas) tenha passado diante dela sem nunca tê-la notado. Era agosto de 2020, auge da pandemia da Covid-19, e a impossibilidade de visitar o campus naquele momento fazia com que a imagem da canforeira permanecesse em seu imaginário. De um lado, o isolamento humano; de outro, os vegetais cruzando fronteiras (físicas e imaginárias), sem precisar de autorização, ocupando os espaços agora livres de humanos, trazendo uma imagem de “invasões vegetais” em tempos de crise pandêmica.

Assim, sua mente passa a ser povoada por plantas de todas as espécies — invasoras, aclimatadas, globalizadas, extintas, demonizadas, medicinais, sobreviventes ..., plantas pessoais e públicas, anedotas familiares, histórias de pessoas que dão a vida por uma árvore, enfim imagens, dados e anotações que começam a tomar forma de uma escrita híbrida entre diário e ensaio. Divagações sobre essas invasões vegetais, como “E se as plantas fizessem, em algum momento, um controle populacional de nossa espécie?”, se entrelaçam com lembranças de flores, árvores e plantas que marcaram sua vida, muitas das quais viu sem perceber, mas, agora, revisitadas com um olhar mais aguçado.

Sua escrita enfatiza a dimensão simbólica e iconográfica das plantas, explorando coleções reais e imaginárias, herbários e plantas psicoativas, para mostrar como certas plantas funcionam como portais entre a vida cotidiana e territórios mentais limítrofes, entre o uso ritual e medicinal até estados meditativos, hipnóticos ou vegetativos.

Destacam-se, aqui, dois capítulos: sua “flora pessoal”, que entrelaça a memória e botânica literária, e a leitura do herbário de Emily Dickinson como “estufa estética”, onde a sensibilidade poética germina antes da palavra escrita.

Em sua flora pessoal, o autor evoca recordações da infância e juventude, marcadas pela observação de plantas, livros e nomes botânicos, oferecendo uma reflexão sensível e autobiográfica sobre o vínculo entre a literatura, memória e plantas.

Em “Um jasmim tropical na Nova Inglaterra: vida e morte das flores no herbário de menina poeta”, um dos capítulos mais delicados e reveladores de sua obra, o enredo gira em torno do herbário da jovem Emily Dickinson — “uma espécie de plantio secundário”, em que as mudas, dessa vez reais, não eram preservadas apenas fisicamente, mas espiritualmente. A pequena Emily reuniu pétalas, caules e folhas no papel, guiada por sua intuição e um raro talento para a composição. Mais de um século e meio depois, podemos compreender que aquelas pequenas mãos que organizaram o herbário, seriam as mesmas que reuniram palavras em seus poemas. Giraldo (2023) vê, nesse herbário, uma espécie de “estufa” estética e científica, onde germinam as aspirações de uma obra poética:

O caderno em si é uma espécie de estufa. Pequenas mãos protegeram as plantas, puseram-nas para dormir entre livros e depois, com uma delicadeza incalculável, eternizaram-nas no papel. A composição de cada página, ora com as variedades da mesma espécie, ora reunindo espécimes nativos e estrangeiros, parece ter obedecido a uma finalidade plástica, que é identificada quando se constata um dos méritos arquivísticos do trabalho realizado pela



menina. Houve jardins secretos e públicos, privados e oficiais, mas o de Dickinson talvez seja o único que serviu de laboratório para a criação poética (Giraldo, 2023, p. 46).

Para Giraldo (2023), a botânica nos poemas de Emily não é descritiva, mas alegórica. O herbário só revela sua plenitude se colocado em diálogo com sua obra poética. A simbologia das flores em seus poemas de juventude e maturidade é intensificada pelas composições plásticas da infância. As flores imaginadas da poesia encontram suas irmãs materiais, em um surpreendente contraponto. As flores coladas no papel iluminam o que antes se compreendia apenas como metáforas verbais. De algum modo, suas criações com flores ajudam a superar a prisão da linguagem, mesmo que os próprios poemas, generosamente, já tivessem aberto esse imaginário floral.

O texto evoca vários outros autores que conectam plantas e literatura, comenta espécies raras e inventadas, resgata lembranças de infância e multiplica referências à autora brasileira Clarice Lispector, apresentada como uma das vozes literárias em diálogo com o seu ensaio vegetal.

Giraldo contribui para a virada vegetal ao evidenciar o vegetal como arquivo cultural e afetivo, ampliando o diálogo entre a literatura, arte e vida cotidiana. É uma perspectiva especialmente fértil para pensar educação, pois oferece maneiras de integrar imaginação, memória e ética ecológica.

Em suma, as três perspectivas convergem em pontos fundamentais: o descentramento do humano - Coccia o faz ontológica e cosmologicamente, Mancuso, biologicamente e Giraldo, simbolicamente; a crítica à negligência vegetal e ao apagamento epistêmico que relega plantas ao decorativo; a afirmação do vegetal como agente, seja produtor de mundo (Coccia), comunicador estratégico (Mancuso) ou guardião de memórias e modos de vida (Giraldo) e uso da árvore como figura epistêmico-literária, imagem de ligação e de mundo comum.

Ao mesmo tempo, surgem tensões produtivas: Coccia aposta numa filosofia da mistura, que convoca um pensamento desdisciplinar mais metafísico que empírico; Mancuso baseia-se em dados científicos e metáforas biológicas, defendendo inteligências vegetais, e Giraldo opera no entrelaçamento entre imaginação, etnobotânica e literatura, questionando a primazia do científico em favor de um saber sensível.

Para a educação, vislumbramos caminhos promissores: reimaginar práticas pedagógicas a partir da interdependência e da mistura; superar o paradigma disciplinar, integrando ciência, arte, literatura e ecologia e formar sensibilidades capazes de imaginar mundos outros e futuros compartilhados, não centrados exclusivamente no humano. Assim, a virada vegetal não é apenas um movimento literário ou filosófico: é um lugar para repensar modos de aprender, ensinar e habitar o mundo, um convite a educar para a convivência e para a imaginação ecológica do futuro.

3. Árvores (林森): uma floresta de significados



Aqui a árvore está no plural - 林 (*hayashi*, agrupamento de árvores) e 森 (*mori*, floresta densa): as árvores no sentido literal, como uma floresta; as árvores como metáforas epistemológicas; e as árvores como símbolos culturais ou pedagógicos. Há também aquelas que existem de fato em suas respectivas florestas, mas habitam a nossa imaginação por serem surpreendentes, como as “árvore que andam” - a ratã do norte (*Metrosideros robusta*), da Nova Zelândia, e a paxiúba (*Socratea exorrhiza*), palmeira andante da Amazônia. E, ainda, as árvores imaginadas, mas que gostaríamos que fossem reais, como as “Árvores de Valinor” (Telperion e Laurelin), da fictícia Floresta Média de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien. Todas elas evocam a multiplicidade iconográfica e representativa que a ÁRVORE mobiliza.

A metáfora da árvore talvez seja uma das mais profundas e promissoras do universo simbólico humano, pela capacidade de condensar sentidos que atravessam culturas, conhecimentos e tempos históricos. Em um mundo que clama por reconexão com a Terra, com os outros seres e consigo mesmo, a árvore emerge simultaneamente como realidade e como imagem simbólica, uma metáfora viva de uma ética da interdependência e do cuidado com a vida.

Uma árvore não vive sozinha, mas compõe florestas, interage com o solo, a água, o ar, os fungos, os animais. Convoca, portanto, uma abordagem relacional, uma forma de estar no mundo que reconhece a teia da qual todos fazemos parte. No campo político-ambiental, a árvore pode simbolizar resistência, como aquelas que sobrevivem a tempestades ou rebrotam após queimadas, mas também de rebeldia silenciosa, pois ela cresce para cima a partir de forças subterrâneas. É uma imagem poderosa contra lógicas extrativistas e destrutivas, pois ensina outra temporalidade.

No campo educacional, pensar *na* e *com* a árvore nos convida a práticas de cultivo — de pessoas, de relações, de sentidos. Enquanto metáfora pedagógica, a árvore desloca a centralidade do sujeito isolado para a vida em coletivo e em processo. O arquétipo da verticalidade, nesse sentido, colabora para compreender complementaridades e oposições, quebrando concepções dualistas modernas.

O exercício imaginativo que tentamos materializar neste texto começou em 2022, quando, no auge da crise sanitária, política, social e ambiental, nos propusemos a arborizar, (re)florestar, arvorar-nos, isto é, colocar-nos a prumo diante da tragédia. Assim nasceram dois encontros do “Arvore-se!” (2022 e 2024), o chamamento para essa iniciativa científico-cultural em torno da árvore simbólica e real, que reuniu professoras(es), educadoras(es), cientistas, artistas, poetas, bibliotecárias(os), comunicólogas(os), estudantes e outras pessoas da sociedade civil organizada e não-organizada, trazendo reflexões e ações sobre o papel da arborização urbana e da (re)floresta no atual cenário da crise climática. Ao oferecer uma programação diversificada que incluiu intervenções urbanas, espetáculos circenses, teatro, oficinas e debates, criou espaços de diálogo entre meio ambiente, arte, sustentabilidade e ação social, fomentando discussões em torno das relações ser humano, natureza e culturas (SESC Ribeirão Preto, 2024).

No primeiro “Arvore-se!” (2022), o foco voltou-se tanto para a árvore singular (木)



quanto para a árvore plural (林 森), compreendida como arquétipo que, ao mesmo tempo, essencializa a conexão e a multiplicidade simbólica em sua representação. Da árvore singular, enquanto “reta que liga céu-terra”, resgatando a ancestralidade árvore-humanos, passa-se à árvore plural, pensada como floresta de significados, sugerindo heterogeneidade visual, interativa e diversa, mobilizando sentidos em direção a uma ética socioambiental e educacional.

Quais árvores cabem nessa árvore plural? Que árvore(s) cada pessoa pode trazer, a partir de seu lugar no mundo, no trabalho, na vida? Eis as questões centrais propostas aos convidados dessa primeira edição, que mobilizaram múltiplos sentidos, organizados em quatro abordagens temáticas, cada qual explorando camadas de significados evocadas por esse símbolo, em variadas formas de expressão cultural, visual, literária, musical e ritualística.

As quatro abordagens — antropofágica, darwiniana, macunaímica e freireana — tensionam e ampliam o potencial da metáfora da árvore, mas cada uma mobiliza dimensões distintas: ora simbólicas, ora epistemológicas, ora pedagógicas. Evitar a fusão desses planos é essencial para entender como a “virada vegetal” atua, ao mesmo tempo, como operador conceitual, imagem cultural e horizonte ético-político.

a) **ANTROPOFÁGICA:** *A árvore que devora, recria e reinscreve mundos*, remetendo ao Manifesto Antropofágico (1928), a árvore aparece como força viva que *mastiga o tempo e mistura territórios*.

Temas: Árvore da vida, árvores sagradas (Giulia Crippa, docente da Universidade de Bolonha-IT): cosmovisão na qual a árvore e espiritualidade são indissociáveis, sinalizando a potência simbólico-ritual do vegetal; Árvore e os guardiões da floresta (Marina Tavares, docente da FAE/UFMG, Werymehe A. Braz, indígena e estudante da FAE/UFMG e Claudilene Pedrosa, indígena e estudante da UFSCar): sujeitos que cuidam e são cuidados pelas árvores: povos da floresta, ativistas, botânicos, artistas, educadores, estudantes - partícipes de um pacto de cuidado com o mundo vegetal; Árvore Baobá (Rogério Brito, do Movimento Negro Hip-Hop de Ribeirão Preto-SP): símbolo de resistência diáspórica que funde memória e pertencimento ao trazer o Baobá, originária africana e Árvore genealógica (Adonai Hishimoto e Ciro Monteiro, bibliotecários da Biblioteca Sinhá Junqueira de Ribeirão Preto-SP): inspirada no livro “Não aceite caramelos de estranhos”, da escritora chilena Andrea Jeftanovic, a árvore genealógica é tensionada por histórias de abuso, silenciamento e patriarcado, revelando violências inscritas nos laços familiares.

Essa abordagem evidencia árvores simbólicas, que operam como ícones culturais, arquivos de memória, metáforas existenciais, símbolos políticos ou espirituais - uma antropofagia vegetal que não explica o mundo, mas o transforma.

b) **DARWINIANA:** *A árvore que evolui, se bifurca, desaparece e faz floresta*, lembrando-nos de que compartilhamos ramos com outras espécies, descentralizando o ser humano do topo de uma escala evolutiva e nos colocando como uma contingência entre outras formas de vida. A árvore opera como metáfora epistemológica, figura conceitual da biologia evolutiva e da historicidade da vida. Contudo, ela também se expande para dimensões éticas e políticas: toda árvore evolui com outras, e nenhuma espécie caminha sozinha.



Temas: Árvore filogenética darwiniana (Eduardo de Almeida, docente da FFCLRP-USP): ferramenta para compreender a vida e suas relações, mostrando que todos os seres vivos ou extintos partilham ancestralidade; Árvore subversiva (Nélio Bizzo, docente da UNIFESP): aquela cuja geometria subverte as bases do pensamento dos principais naturalistas da época, representando uma ruptura com o pensamento fixista do século XIX, onde a variação é inevitável, é subvertida mais uma vez, mostrando que a evolução não é só criação de novas formas, mas também é morte, extinção e perda. Afinal novas espécies só surgem porque outras desaparecem definitivamente; Árvore no plural/floresta (Ricardo R. Rodrigues, docente da ESALQ): desloca o foco da unidade para a multiplicidade; da evolução isolada para a co-evolução; da árvore para a rede, numa rede complexa de simbioses, antagonismos e alianças e Árvore no concreto (Perci Guzzo, ecólogo da Secretaria do Meio Ambiente de Ribeirão Preto - SP): a árvore urbana como insistência de vida nas fissuras do asfalto, como rebeldia do verde no cinza, a sobrevivência do tempo lento no tempo apressado das metrópoles.

Essa abordagem evidencia árvores epistemológicas, que funcionam como modelos de conhecimento, figuras conceituais ou estruturas interpretativas do real, que, ainda assim, se abrem para leituras críticas e poéticas sobre coexistência e interdependência.

c) **MACUNAÍMICA:** *Árvores em travessia, cansaço e desaparecimento*, inspirada no herói ambíguo *Macunaíma* (1928), esta abordagem lida com o caráter ambíguo, plural, mutante e contraditório da árvore como imagem cultural.

Temas: Árvore do conhecimento (Luciana Gracioso, docente da UFSCar e Marco Antonio de Almeida, docente da FFCLRP-USP): metáforas vegetais para representar a organização do conhecimento, cujas imagens simbólicas não apenas traduzem modos de estruturar saberes, mas também expressam as cosmovisões dominantes de cada época; O cansaço das árvores (Isabel Carvalho, UFMG e Rita Paradeda Muhle, UPE): o cansaço das extrações drásticas e disciplinadoras, das cidades que cortam mais que cultivam; mas também o cansaço das “árvores classificatórias” na educação ambiental (EA), refletindo sobre o esgotamento do modelo “arbóreo” de conhecimento (centrado em classificações fixas) e abrindo espaço para o rizoma como metáfora potente para a reinvenção dos fundamentos da EA, e Árvores não há mais (Paulo T. Sano, docente do IBUSP): um lamento diante do desmatamento, dos desertos verdes, da perda da biodiversidade; uma denúncia da ausência de vida que se torna marca da paisagem.

Essa abordagem é híbrida, pois evidencia árvores epistemológicas e simbólicas-culturais, uma vez que, aqui, a árvore revela as contradições do país — seu exaurimento e sua potência — numa chave macunaímica de crítica, ironia e desespero.

d) **FREIREANA:** *Pedagogias enraizadas e árvores professoras*, inspiradas no legado de Paulo Freire, reconhecendo a árvore como educadora, como parte de uma pedagogia viva, sensível e coletiva. Aqui a árvore não é metáfora epistemológica nem símbolo antropológico: é presença pedagógica. Tal perspectiva foi expandida para além da sala de aula, alcançando o chão da vida, os quintais, os jardins comunitários e os territórios

de luta.

Temas: *Árvore e localidade* (Andréa C. Lastoria, docente da ESALQ): árvore como parte de um território concreto, vívido, com suas histórias, gentes, saberes e resistências — a árvore do bairro, do assentamento, do terreiro, da escola pública; *Árvore, uma pegada freireana* (Marcos Reigota, pesquisador do Centro de Estudos Globais, da Universidade Aberta de Portugal): narrativa biográfica que mostra como a árvore encarna o pensamento freireano, crescendo com as outras, jamais sozinha, sendo coautora de processos de construção do conhecimento, de aprendizado, no diálogo, numa ética da convivência e de escuta; e *Árvores professoras* (Danilo S. Kato, docente da FFCLRP-USP): cujo simbolismo se faz literal: muitas árvores são, de fato, mestras — no modo como distribuem luz, acolhem sombra, abrigam pássaros ou se inclinam sem quebrar; na paciência, na adaptação e na generosidade, afinal cultivar uma árvore é um gesto pedagógico e político; é afirmar a vida e o futuro em tempos de morte e destruição.

Essa abordagem evidencia árvores pedagógicas, que, diferentemente das outras abordagens, a árvore, aqui, deixa de ser metáfora epistemológica e símbolo antropológico, para encarnar as práticas freireanas e ser encontro, experiência e diálogo.

4. ARVORE-SE! *Um chamamento à resistência, à (educ)ação*

A ação é reflexo da *pensação*. Pensar não é apenas um ato mental: é um modo de estar no mundo. Paulo Freire, ao afirmar que a educação deve ser “um ato político”, uma *práxis* (ação e reflexão indissociáveis), dá o pontapé inicial para tal ideia. Quando falamos em *pensação*, afirmamos que pensar e sentir, refletir e agir não são opostos, mas pulsações de um mesmo movimento vital, convocando-nos a ultrapassar os limites do raciocínio abstrato e a encarnar a reflexão no corpo, no gesto e no fazer cotidiano.

Raciocinando em termos vegetais, a partir da árvore como figura epistemológica e existencial, a pensação tomou forma e traduziu-se em ARVORE-SE!, um chamamento à “arborização” de nossas epistemologias e ações de resistência e de (educ)ação. Dessa inspiração nasceram dois encontros, já mencionados, e o Manifesto (SESC Ribeirão Preto, 2024), escrito e dramatizado como criação coletiva..

“Arvorar-se” é *pensação*: verbo que consubstancia as ideias de Coccia e Mancuso ao reconhecer a árvore como paradigma de um existir relacional e cooperativo. A árvore, em sua versatilidade e inteligência, torna-se metáfora e método, não apenas aquilo sobre o que pensamos, mas com o que passamos a pensar.

Para encerrar este texto, gostaríamos de oferecer, paradoxalmente, uma abertura: propomos a superação da dualidade utopia–distopia. Não por simples conciliação, mas dialeticamente, reconhecendo que ambas, longe de concebê-las como opostos absolutos — de um lado, o futuro ideal irrealizável; de outro, o colapso inevitável —, podemos encará-las como



forças tensionais que alimentam a imaginação crítica, sobretudo quando assumimos o exercício cotidiano de buscar outras formas de habitar o mundo.

É nesse ponto que a noção de (educ)ação ganha densidade crítica. Diferentemente das práticas educacionais convencionais, centradas em transmissão e controle, a (educ)ação aqui proposta articula imaginação, coautoria e comunidade. Não é apenas formar, é formar-se com; não apenas ensinar, mas cultivar modos de perceber, agir e imaginar coletivamente. Nos encontros e no Manifesto, a (educ)ação se traduz concretamente em práticas de escuta, coescrita, dramatização, abertura ao inesperado, processos em que aprender é inseparável de intervir no mundo, e intervir é inseparável de reinventar seus sentidos.

Nesse horizonte, evocamos o romance de alegoria etnográfica *A Floresta é o Nome do Mundo* (2020), de Ursula K. Le Guin — obra ficcional atravessada por reflexões profundamente políticas, ecológicas e epistemológicas contemporâneas. Movida por seu posicionamento contra a Guerra do Vietnã (1959–1975) e pelos impactos do desmatamento promovido pelas ofensivas militares norte-americanas, Le Guin projeta uma distopia que, paradoxalmente, devolve-nos à realidade concreta de nossos tempos.

Num futuro distópico, uma expedição humana coloniza o planeta *Athshe*, devastando suas florestas. Encontra, então, a resistência dos *athsheanos*, que lutam para preservar seus territórios e conhecimentos tradicionais. Mas sua forma de resistir difere radicalmente da lógica dos terráqueos: cantam, sonham e sonham juntos. O sono e os estados de sonho, para eles, são formas de acessar o futuro e investigar o presente. Em sua cosmovisão, o ato de sonhar é prática coletiva de planejamento da existência; é sabedoria sensível, não-invasiva e relacional. Limulja apresenta a cosmovisão yanomami dos sonhos dizendo que “Aquilo que se passa no *mari tēhē*, no tempo-espacó do sonho, pode influenciar a vida da pessoa que sonha ou de toda a comunidade. E, portanto, o sonho interfere diretamente na realidade da vigília. Da mesma forma, “[...] a vigília também tem influência no sonho” (Limulja, 2019, p. 54). O cerne aqui, nos parece ser o quanto os sonhos são formas de acessar um conhecimento absolutamente diferente daquele que ocorre em vigília.

Os conflitos descritos por Le Guin não se reduzem a uma oposição simplista entre o bem e o mal. Contrapõem a lógica dualista ocidental à cosmovisão dos *athsheanos*, para quem “mundo” e “floresta” são indissociáveis, como entre muitos povos da floresta que, ainda hoje, resistem e lutam pela preservação de seus territórios e saberes. Suas histórias não se fixam em destruições, lutas e guerras inevitáveis, mas em imaginar diversas possibilidades de existência e resistência.

É nessa complexidade que podemos pensar a floresta — e o mundo — não como um paraíso perdido nem como apocalipse irremediável, mas como território de disputa e reinvenção contínua. A utopia, nesse sentido, não é o destino, é movimento. A distopia, longe de nos paralisar, pode ser o lugar que expõe os limites éticos de nossa civilização, convocando novas formas de consciência.

Mais uma vez, é a literatura e, em particular, a ficção (científica e outras formas) enquanto exercício de imaginação radical, que abre espaço para experimentar mundos possíveis, modos de vida divergentes, práticas de resistência enraizadas na relação, no sonho e



na floresta.

Habitar o mundo exige descolonizar o pensamento e reencantar a ação. Exige escutar as árvores e sonhar como os *athsheanos*: não para fugir do real, mas para reinventá-lo. Assim, utopia e distopia deixam de ser pólos distantes para se tornarem ritmos de um mesmo movimento dialético: o da (educ)ação que se enraíza no presente e se abre ao que ainda não foi.

Referências

- COCCIA, Emanuele. **A Vida das Plantas**: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018.
- GIRALDO, Efrén. **Sumário de plantas oficiosas**: um ensaio sobre a memória da flora. 1. ed. São Paulo: Fósforo Editora, 2024. 208 p. Tradução de Silvia Massimini Felix. ISBN 978-6584568563.
- GUIN, Ursula K. Le. **Floresta é o nome do mundo**. São Paulo: Morro Branco, 2020. 158 p. Tradução de Heci Regina Candiani.
- LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos Yanomami (Pya ú – Toototopi)**. 2019. 153 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2019.
- MANCUSO, Stefano. **A incrível viagem das plantas**. São Paulo: Ubu, 2021.
- MONTEIRO, Pedro Meira. 5 livros para mergulhar na virada vegetal. Nexo Jornal, 1 out. 2022. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/estante-favoritos/2022/10/01/5-livros-para-mergulhar-na-virada-vegetal>>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- NASCIMENTO, Evando. **O pensamento vegetal**: a literatura e as plantas. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 350 p.
- PONTES, Maria do Rosário. A Árvore: um arquétipo da verticalidade (contributo para um estudo simbólico da vegetação). **Línguas e Literaturas**, Porto, v. 15, 1998, p. 197-219. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8847>>. Acesso em 06 ago 2025.
- RIPPLE, William J. *et al.* The 2024 state of the climate report: Perilous times on planet Earth. **BioScience**. v. 74, n. 12, p. 812–824, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1093/biosci/biae087>
- SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro dos. O simbolismo da Árvore-Mundo no Candomblé: conexão entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais** [...]. Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. 14 p. Disponível em: <<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/35765511433804235666056773772277323129.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2025.



DOI: 10.46667/renbio.v18inesp1.1989

SESC RIBEIRÃO PRETO. **Arvore-se.** 30 out. 2024. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/arvore-se/>. Acesso em: 08 dez. 2025.

TORRES, Bolívar. **O que podemos aprender com as plantas:** 'Elas são inteligências cooperativas', afirma premiado autor colombiano. O Globo, [s.l.], 31 dez. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/12/31/plantas-sao-inteligencias-cooperativas-affirma-ensaista-colombiano.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Recebido em: agosto de 2025
Aceito em: dezembro de 2025

Revisão gramatical realizada por: Carlos Augusto Pantoni
E-mail: cpantoni@hotmail.com



Revista de Ensino de Biologia da SBEEnBio - ISSN: 2763-8898 vol. 18, nesp. 1. 517-535, 2025